

Outras formas de pensar o mundo e novos desafios para a educação

Marisa Cristina Vorraber Costa

entrevistada por

Bianca Salazar Guizzo

Bianca Guizzo – Cara professora e colega Marisa, há dez anos, eras membro do comitê editorial da *Em Aberto*, participaste da organização do número 87 de 2012, comemorativo aos seus 30 anos, e contribuístes para ele com um interessante artigo sobre o espaço de produção da nossa revista. Inspirada em Zygmunt Bauman,¹ tomaste-a como um campo de batalha no qual estão em jogo visões de mundo, formas de pensar, interesses, poder e tantos outros elementos. Abordaste como, em meio a esses embates, procura-se discutir e entender concepções e questões caras ao campo da educação e o modo como periódicos científicos podem contribuir para isso. Recentemente, os anos de 2020 e 2021, assolados pela pandemia da Covid-19, impuseram-nos outras formas de pensar o mundo e novos desafios para a área da Educação. Levando em conta esse contexto, qual seria, em tua opinião, o papel que poderia ser assumido pela *Em Aberto*, no sentido de contribuir para o encaminhamento das questões desafiadoras que se apresentam hoje para o campo da Educação?

225

Marisa Costa – Parece que esses tempos difíceis da pandemia têm suscitado constantes e incontáveis reflexões acerca de nossas formas de vida, de nossas relações com os outros, de nossa negligência com o planeta, de nossos vínculos com “o resto do mundo”, de nosso (des)respeito às instituições e ao próximo, entre tantas outras questões. Em nosso País, particularmente, parece-me que o desencaixe entre as ações governamentais do escalão mais alto da República e as necessidades urgentes de proteção perante o coronavírus, assim como de medidas que viabilizem formas de sobrevivência física, social, cultural e econômica, têm sido um imenso incentivo ao pensamento reflexivo. Em tais circunstâncias, um periódico como a *Em Aberto*, dada sua possibilidade de ampla circulação nos meios escolares e acadêmicos, é um espaço privilegiado, que concentra um enorme e significativo potencial para o debate sobre o momento em que vivemos. Mais do que nunca, precisamos construir uma

¹ Bauman (2010).

agenda de estudos e debates que mapeiem e coloquem em pauta os problemas cruciais que nos assombram hoje. Arrisco-me a defender que, antes de propor soluções, precisamos nos munir de ferramentas para analisar, entender e refletir sobre tais problemas, talvez mudando nossa maneira de enfrentá-los e, com isso, prevenindo equívocos e evitando o desperdício de esforços e recursos. E é aí que vejo o papel crucial de veículos que difundem e discutem ciência, conhecimento, pesquisas e análises, como é o caso da *Em Aberto*.

Bianca Guizzo – Articulado ao contexto da pandemia, e ainda valendo-me da metáfora que utilizaste a partir de Bauman, qual seja “um informe enviado do campo de batalha” para referir-se ao espaço de luta pela aquisição de formas novas e mais adequadas de pensar o mundo em que vivemos e as vidas que nele vivemos”,² que possibilidades, levantadas naquele texto, ainda não foram esgotadas no que diz respeito às sugestões elencadas sobre a abrangência da *Em Aberto*? E de que modo, hoje, elas poderiam contribuir para ampliar as discussões sobre a maneira como a educação vem sendo empreendida nestes tempos pandêmicos?

Marisa Costa – É bem oportuno pensar sobre isso, passados dez anos daquele “informe” sobre o “campo de batalha” da *Em Aberto*, no qual procurei assinalar objetivos a serem perseguidos na continuidade dos trabalhos editoriais. Início, então, ressaltando alguns avanços significativos que tenho observado. Em uma consulta recente à versão *online* da revista, salta aos olhos a superação da periodicidade irregular verificada no período 2000-2011. Mesmo que as versões impressas não acompanhem a regularidade da versão *online*, considero um grande feito a recuperação da regularidade da publicação. Aliás, em nossos dias, e particularmente diante das condições impostas pela pandemia, mas não apenas por isso, deveríamos colocar em discussão, a continuidade de versões impressas, quando se trata de periódicos com tiragens elevadas. Cada vez mais, atualmente, a preferência pelas versões *online* se impõe, dadas a facilidade e a rapidez de acesso a elas. Por outro lado, contudo, não podemos esquecer que a *Em Aberto* conta com respaldo do Inep,³ aliado ao suporte financeiro do Ministério da Educação de um país de dimensões continentais como é o Brasil. Nesse caso, considero importante ressaltar que versões impressas talvez ainda sejam cruciais para atingir públicos-alvo de regiões distantes, com condições geográficas muitas vezes de difícil acesso e, frequentemente, carentes de equipamentos tecnológicos que viabilizem projetos que demandem operações *online*. Penso ser este um ponto sensível a ser mantido em pauta nas agendas de veículos de divulgação científica em nosso País, particularmente no caso da *Em Aberto*.

A par da apreciação anterior, relativa aos méritos da recuperação da regularidade da publicação, devo ressaltar a atualidade dos focos temáticos que vêm sendo eleitos para os números publicados. Sob meu ponto de vista, abordar debates candentes, questões do nosso tempo que povoam o dia a dia de nossa vida social, cultural e política, é elemento fundamental para manter

² Costa (2012, p. 54).

³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

aceso o interesse pelas leituras propiciadas pelo periódico. Esse é o caso das edições que tiveram como temas *Gênero e educação; Diferenças e educação: um enfoque cultural; Educação, pobreza e desigualdade social; Educação, espaço, tempo; Literatura para crianças e jovens: temas contemporâneos; Alfabetização: práticas de avaliação*, entre outros, que trazem contribuições no sentido de ampliar o espectro das discussões, subsidiando professores e estudantes em seus estudos e pesquisas.

Após destacar elementos relevantes da *Em Aberto* nos últimos dez anos e atendendo à tua pergunta, penso que ainda permanece intocada a questão da redefinição do público-alvo mencionada no “informe do campo de batalha” que escrevi por ocasião dos 30 anos da revista. Continuo a considerá-la importante no cenário das publicações brasileiras voltadas à tão complexa área da Educação em nosso País. Isso porque o numeroso segmento composto por professores do ensino fundamental e médio persiste, carente de boas propostas editoriais direcionadas ao debate de suas temáticas específicas, de seus desafios em termos de projetos atualizados e de correspondentes metodologias para acompanhar as transformações da educação contemporânea nesses níveis. Entendo, porém, tratar-se de um grande desafio, de uma iniciativa de execução difícil, especialmente nos dias em que, além de enfrentar uma pandemia, estamos imersos em um panorama político governamental pouco sensível aos imensos e gritantes problemas da educação brasileira. Na minha opinião, a discussão acerca das possibilidades de uma revisão do endereçamento da *Em Aberto* seria o ponto principal de uma agenda editorial para os próximos anos. Em seu escopo, talvez fosse possível incorporar as preocupações acerca de outros tópicos mencionados no “informe do campo de batalha”, como é o caso daqueles que dizem respeito às estratégias tanto de divulgação quanto de distribuição do periódico.

227

Bianca Guizzo – Neste cenário em que vivemos atualmente, sob teu ponto de vista, que desafios precisam ser enfrentados em termos de políticas públicas para a educação?

Marisa Costa – Essa pergunta talvez seja uma das mais difíceis, entre tantas que vêm sendo formuladas nesses tempos tão complexos para as sociedades contemporâneas. Não se trata, aqui, apenas de considerar as questões sanitárias, mas de tudo aquilo que as circunstâncias da pandemia expuseram sobre nossos modos de existência, e não apenas no Brasil. Parece que a ameaça à vida, que se aproximou tanto de cada um de nós, mostrou as veias abertas de um mundo com transformações nunca antes imaginadas. Especulava-se e falava-se muito sobre elas, mas subitamente elas se mostraram em plena operação diante de pessoas, populações e povos atônitos e despreparados. As telas de televisões, *tablets*, computadores e celulares não cessam de expor as tragédias ocasionadas pela disseminação da síndrome – hospitais lotados, doentes em macas aguardando vagas em CTIs,⁴ valas em cemitérios a céu aberto, corpos sem vida acumulados à espera de traslado para ocupá-las, longas filas na expectativa pelas vacinas, protestos pela falta delas,

⁴ Centros de terapia intensiva.

desempregados aglomerados em busca de doações de alimentos, crianças, jovens e idosos chorando por suas perdas... As doenças letais eram até então conhecidas, as maneiras de tratá-las também, assim como os modos de enfrentamento e as condições físicas e materiais requeridas para isso. De uma hora para outra, contudo, um inimigo impensado colocou por terra nosso arsenal de certezas e começamos a tatear, no escuro, sem referências. E, como se poderia supor, a pressão, o medo e a imprevisibilidade desorganizaram nosso universo com seu tão bem tramado repertório de soluções, mesmo que nem sempre elas fossem igualitárias e disponibilizadas a todos. Nesse cenário, veio à tona não apenas tudo de melhor em termos de solidariedade, amor e respeito ao outro, como também todo o egoísmo, toda a crueldade e toda a quase inimaginável desigualdade entre os seres humanos que habitam não só as grandes metrópoles.

No panorama dramático que tentei brevemente descrever, políticas públicas para a educação teriam que dar conta de preparar as pessoas para, primeiramente, desenvolver aptidões para conviver com a incerteza. Como o próprio Bauman – pensador cuja lucidez admiro – tanto nos chamou a atenção, vivemos em um mundo líquido, onde tudo muda constantemente e rapidamente. Pouco adiantaria adquirir bom desempenho em práticas e habilidades complexas se não estivermos preparados, antes de tudo, para abandoná-las, requalificar-nos novamente e não tomar isso como uma saga, mas como um jeito de viver em um mundo mutante.

228

Outro sociólogo importante, Richard Sennett,⁵ alertava, há quase 20 anos, que vivemos em uma sociedade de projetos de curto prazo, e isso tem se interposto à formação do caráter, uma vez que a instabilidade impede que as pessoas construam uma narrativa coerente para suas vidas. O longo prazo caminhava junto com virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua.

Segundo ele, a vida no novo capitalismo está erodindo tais virtudes, e eu penso que as circunstâncias da vida na pandemia mostraram as dimensões e o grau de tal erosão. As veias abertas de nossas sociedades de hoje clamam por projetos de educação que não descuidem dos sujeitos “humanos” que precisamos educar, apesar de estarmos todos convivendo em um mundo-máquina. As políticas públicas não deveriam jamais negligenciar a formação do caráter dos sujeitos e o respeito às diferenças, e isso parece estar cada vez mais relegado ao segundo plano. Os conhecimentos das Humanidades (Sociologia, Filosofia, História, Arte etc.), tão abandonados e desvalorizados hoje, particularmente em nosso País, ainda concentram enorme potencial para enfrentarmos a tragédia da desumanização – em todos os sentidos que o termo possa admitir – e sobrevivermos em um mundo instável, incerto e fluido como os líquidos.

Sensibilidade, caráter, respeito ao outro e solidariedade ainda são, na minha visão, os pilares para qualquer projeto de sociedade que alimente a esperança

⁵ Sennett (2005).

de vislumbrar um mundo melhor para se viver. Políticas públicas para a educação deveriam ter isso como prioridade. Contudo, infelizmente, parece ser algo de que estamos nos distanciando cada vez mais.

Bianca Guizzo – Retomando mais uma vez teu artigo⁶ publicado na *Em Aberto*, de que modo poderíamos – como produtores e propagadores de conhecimento científico – contribuir no enfrentamento aos desafios que se colocam ao campo educacional (aqui incluindo a escola, mas não se limitando a ela)?

Marisa Costa – Pudemos todos observar, ao longo desses quase dois anos de pandemia, que as contribuições do conhecimento científico mostraram-se fundamentais, constituindo-se no eixo principal de sustentação para emergirmos do pânico instaurado por uma doença mortal e desconhecida. A meu ver, nunca antes concentramos tantas expectativas no conhecimento científico, acompanhamos com tanta esperança as pesquisas e aguardamos com tanta ansiedade os resultados do trabalho de pesquisadores do mundo inteiro. Essa movimentação toda colocou em evidência o trabalho científico e os veículos de divulgação de seus resultados, que os tornaram disponíveis [os resultados] a imensos contingentes de leitores, assim como a audiências planetárias dos meios de comunicação.

É nesse cenário que vislumbro a importância da escola, no sentido de desenvolver nos estudantes as habilidades necessárias para decodificar e interpretar a gigantesca carga de informações que circula pelo mundo. Não só habilidades de leitura são indispensáveis, mas igualmente as de compreender, analisar, avaliar e compartilhar o conhecimento produzido e disponibilizado. Lado a lado com o trabalho insubstituível da escola, alinha-se o de outras instâncias como a família, os veículos de comunicação, as redes sociais. Estes últimos, embora detenham o poder de potencializar o uso e a divulgação do conhecimento produzido, nem sempre, conforme temos observado, optam por trilhar os caminhos do esclarecimento e da transparência.

Paradoxalmente, na era da informação planetária, quando se pode dizer que a humanidade inteira tem facilitado seu acesso ao conhecimento, estamos vivendo tempos sombrios e testemunhando impensáveis movimentos obscurantistas e negacionistas. Nesse quadro, seria a escola, mais uma vez, a tábua de salvação, o nicho que poderia contribuir para resguardar a capacidade de pensamento, para acolher, aproximar e tornar “legível” o conhecimento novo, para desenvolver as condições necessárias de análise, interpretação e julgamento. Obviamente, não se pode deixar de lado o domínio das operações cognitivas complexas e certa capacitação técnica, mas essas exigem ser acompanhadas pelas operações de pensamento reflexivo que mencionei. Um técnico ou um cientista despreparado para enxergar e analisar a complexidade do mundo em que vive pode produzir riscos a si e aos outros, no exercício de sua atividade.

É justamente em relação ao preparo de professores e estudantes para desenvolver o que eu chamaria de “competências de pensamento” (apesar

⁶ Costa (2012).

de não gostar muito do termo!), que considero tão desejável um periódico como a *Em Aberto* dedicar-se a subsidiar esse público com seus artigos. Acredito que precisamos alimentar a esperança. Tais protagonistas da educação e tais jovens em formação poderiam, quem sabe, ajudar-nos a construir formas novas e mais adequadas de pensar o mundo em que vivemos.

Bem, penso que me alonguei demasiadamente na resposta às perguntas que formulaste, distanciando-me, talvez, de tua expectativa por uma abordagem mais, digamos assim, concreta. Contudo, provavelmente, o fato de estar afastada das salas de aula e mais voltada a acompanhar os acontecimentos desse nosso tenso mundo em crise (não apenas sanitária!) tenha me feito pensar para além das questões exclusivamente educacionais, se é que se pode considerar que a educação não seja intrínseca a quase tudo em nossas vidas. Por fim, gostaria de ressaltar o admirável trabalho editorial realizado pelas equipes de editores nesses últimos dez anos. Sem dúvida, são visíveis na regularidade, na organização de cada número, nas temáticas propostas, na qualidade e na quantidade de artigos o esmero e a dedicação de cada um dos editores e colaboradores. Cumprimento-os por isso e por, assim, manterem vivo e atuante um periódico tão importante e necessário. Agradeço o convite para participar desta entrevista!

Referências bibliográficas

230

BAUMAN, Z. *Mundo consumo: ética del individuo en la aldea global*. Traducción de Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós Contextos, 2010.

COSTA, M. V. Um informe enviado do campo de batalha: Em Aberto. *Em Aberto*, Brasília, v. 25, n. 87, p. 53-63, jan./jun. 2012.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Marisa Cristina Vorraber Costa, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora titular aposentada dessa mesma universidade no Programa de Pós-Graduação em Educação.

vorrabercosta@gmail.com

Bianca Salazar Guizzo, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação.

bianca.guizzo@gmail.com

Recebido em 26 de agosto de 2021

Aprovado em 10 de novembro de 2021